

CONFERÊNCIA

PEDR'ÁLVARES CABRAL, ÊSSE
DESCONHECIDO (*).

HÉLIO DANTAS

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

INTROITO.

Retorno mais uma vez a esta tribuna do Venerando Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a convite especial de seu Presidente, para abrir com minha conferência, nesta Capital, as celebrações pelo V Centenário de Nascimento do Descobridor do Brasil, o que constitui para mim singular honraria, bem como para a Cátedra de História do Brasil, da qual sou Professor fundador e titular, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, Unidade integrante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O título de nosso trabalho — *Pedr'Álvares Cabral, Êsse Desconhecido* — pode parecer pretensão de nossa parte, de modo que, à guisa de introdução, entendemos ser de nosso dever justificá-lo, em primeiro lugar. O exercício do magistério superior em nossa Terra me trouxe a experiência do desconhecimento de nossa estudiosa mocidade ao homem que nos legara, oficialmente, o descobrimento do Brasil ao Mundo.

E não era privativo dessa mocidade riograndense do norte êsse alheamento, talvez por culpa mais dos programas e dos mestres do que das novas gerações, porquanto a nós educadores cabe grave parcela de responsabilidade de despertar o interêsse dos jovens para a sua destinação porvindoura, no futuro da Pátria. E passou a fazer

(*) . — Conferência pronunciada no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, quando da celebração do V Centenário de Nascimento do Descobridor do Brasil, a 22 de abril de 1968. (*Nota da Redação*).

parte obrigatória do programa de História do Brasil, sob minha direção, o culto aos próceres de nossa nacionalidade.

Esse desconhecimento, todavia, a que nos referimos, não era apenas da mocidade potiguar, releva notar. Lêramos, na imprensa do Rio de Janeiro, atual Estado da Guanabara, o ano transato, que um colega fizera a mesma observação naquela cidade, mais ou menos nestes termos:

“Ninguém ignora quem foi Pedro Álvares Cabral, mas pouquíssimos lhe conhecem a vida e a morte”.

E adiantava a necessidade da introdução nos livros didáticos de História de algumas referências mais amplas à figura do Descobridor. E finalizava, declarando que a ingratidão não era apenas no Brasil, mas também em Portugal. E o título da notícia jornalística me sugeriu o de nossa palestra.

Eis a motivação de nossa conferência: trazer aos menos familiarizados com a História do Brasil e de Portugal, nos pontos afins, sejam ou não estudantes, sejam ou não moços, a divulgação de Cabral, tentando seu melhor conhecimento, pelo menos no que há de fundamental na vida e na obra do Descobridor do Brasil.

Não venho falar aos doutos, mas despertar a atenção e difundir o conhecimento, como educador, daquele que esteve à altura da subida comissão da capitania-mor da armada que do Tejo partira a 9 de março de 1500, com destino às Índias. E o ensêjo se me pareceu o mais oportuno quando, esta Veneranda Casa, a primeira instituição cultural do Rio Grande do Norte, na ordem cronológica e de sua expressão intelectual, da qual tenho a elevada honra de ser sócio, inicia, hoje, aos 22 dias de abril do ano da graça de 1968, as comemorações pelo transcurso do V Centenário de Nascimento de Pedro Álvares Cabral.

GENEALOGIA, COGNOME E VIDA.

O desconhecimento sôbre Cabral, aliás, não alcança apenas os menos doutos no assunto. Não por incúria dos estudiosos, mas por carência de elementos bastantes para o estudo biográfico do Descobridor, de vez que a injúria dos homens e dos tempos levou de roldão as fontes primeiras do eminente capitão-mor.

Assim, a primeira incerteza que temos é a que tange à data do nascimento de Pedr'Álvares: em 1467 ou 1468, dizem todos por ilação, não por certeza. Até mesmo porque não há certeza quando se diz 1467 ou 1468. Todavia, se tal acontece no que concerne à inexa-

tidão da data de nascimento, o mesmo não ocorre no que respeita à alta linhagem de Cabral.

Com efeito, como afirma o insigne historiógrafo Jaime Cortezão (1), a legítima fidalguia de Pedro Álvares remonta ao seu trisavô — Álvaro Gil Cabral, alcaide-mor do Castelo da Guarda, em tempos de D. Fernando e do Mestre de Avis.

E continua:

“Quando el-rei D. João de Castela, nos tempos do Mestre, entrou em Portugal pela Guarda, logo se foram a êle, além do bispo, que já o acompanhava, vários fidalgos e escudeiros da comarca e as reiteradas pressões por interpostos fidalgos portugueses exercidas. Daí por diante continuam os seus serviços de lealdade e quando, em 1385, se celebram em Coimbra as Côrtes que levantam o Mestre de Avis por soberano, Álvaro Gil Cabral é um dos que assinam o auto do levantamento”.

E acrescenta, para concluir, que o trisavô de Pedr'Álvares era casado com dona Maria Eanes Loureiro, neta de D. Rui Vasques Pereira, tio do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

D. Nun'Álvares Pereira, dí-lo Joaquim Ferreira (2):

“E' a figura mais idealista e respeitável dos fatos militares da nossa pátria. A independência nacional deve-lhe serviços que o exaltam entre os que mais amaram a grei. Colocou-se, desde a abertura da crise dinástica, na vanguarda dos inimigos de Castela. Foi auxiliar preciosíssimo, incomparável, do Mestre de Avis na defesa de Portugal contra os castelhanos. D. João I, logo que saiu eleito rei nas côrtes de Coimbra, em 1385, deu-lhe o mais alto posto no exército — Condestável do Reino. Tinha 25 anos incompletos, e foi o segundo a ocupar aquêle cargo supremo que o rei D. Fernando copiara dos ingleses”.

Posteriormente, em agôsto de 1423, já cumulado de honrarias e mercês, “esgotado nos prêlios humanos” (3), o Condestável divide o que tem e veste o burel e ingressa na ordem dos carmelitas, em Lisboa.

“Eis o nobre tronco da família. Nas altas fragas da Guarda e de Belmonte, em rude terra centeeira, nas abas da Estrela e de Atalaia, já fronteiras da Espanha, nasceram as passantes cabras, vestidas com a púrpura da lealdade. Daí por diante sucedem-se os esforçados e lealíssimos Cabrais” (4).

(1). — Jaime Cortezão, *A Expedição de Cabral in “História da Colonização Portuguesa do Brasil”*, vol. II, Litografia Nacional, Pôrto, 1923.

(2). — Joaquim Ferreira, *História de Portugal*, Editorial Domingos Barreiras, Pôrto, 1951.

(3). — Joaquim Ferreira, *ob. cit.*, pág. 242.

(4). — Jaime Cortezão, *ob. cit.*, *loc. cit.*

Sobrevêm a primeira, e a segunda e a terceira geração de Álvaro Gil Cabral e de D. Maria Eanes Loureiro, nascendo na última o pai do Descobridor: Fernão Cabral, corregedor das Beiras e veterano das guerras em África e Castela, e que foi casado com D. Isabel de Gouveia. Dêste toro conjugal houve 11 rebentos, sendo 5 varões, dos quais foi o segundo-gênito varão Pedr'Álvares Cabral. Seu nome, por isso mesmo, fôra Pedr'Álvares de Gouveia, porque sòmente ao primogênito era dado, pela legislação portugueza da época, usar o apelido paterno e o morgadio, os quais tocaram a seu irmão João Fernandes Cabral.

D. Manuel, o Venturoso, por carta régia de 15 de fevereiro de 1500, nomeia a Pedr'Álvares de Gouveia capitão-mor da armada que vai à Índia nesse ano; e por outra carta régia, datada de 1º de março de 1500, pela qual acredita o Descobridor ao Samorim de Calicut, já o chama Pedr'Álvares Cabral (5). Infere-se destas duas cartas régias de el-rei D. Manuel, que o primogênito João Fernandes Cabral, irmão do Descobridor, falecera no decurso de 15 de fevereiro a 1º de março de 1500. Com efeito, naquele primeiro expediente régio, é o Descobridor nomeado com o apelido materno: Gouveia; no segundo, é chamado — Cabral.

Por conseguinte, quando a frota deixa o Tejo a 9 de março de 1500, como nos informa o escrivão Pero Vaz de Caminha, em sua carta de fama tão merecida (6), já o Descobridor passara a morgado e a chamar-se Pedro Álvares Cabral.

INFÂNCIA E CASAMENTO.

O Descobridor do Brasil nasceu em Belmonte, na Beira, aproximadamente em 1467 ou 1468, no solar paterno, onde desde criança deve ter ouvido e aprendido as briosas tradições da família, entrando para a Côrte do Príncipe Perfeito como moço fidalgo. Quem assim nasceu e cresceu com tais lições, fôra tangido a continuá-las, ou mesmo, a acrescentar as tradições de seus maiores, renomados em mercês, conquistadas

“em perigos, e guerras esforçados” (7)

a serviço da Pátria. Vale lembrar, outrossim, que o descobridor dos Açores, Gonçalo Velho Cabral, era também parente de Pedr'Álvares.

Elevado ao trono D. Manuel, o Venturoso, que galgara

(5). — A. Fontoura da Costa, *Os Sete Únicos Documentos de 1500...*, edição da Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1940, Docs. I e V.

(6). — Pero Vaz de Caminha *Carta datada de 1º de março de 1500, da Ilha de Vera Cruz*, fl. 1, linha 17; microfilme em poder do Autor.

(7). — Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, est. 1a.

“a sua alta gerarquia por uma série de acasos quase incrível” (8),

agraciou a Cabral com o fôro de fidalgo do seu conselho, deferindo-lhe ainda o hábito de Cristo e mais uma tença.

Assinala Braamcamp Freire (9), que sòmente após zarpar a armada de 1502, que foi a 3a. expedição à Índia, sob o comando de Vasco da Gama, pois Cabral não o aceitara, é que o Descobridor contrai núpcias com D. Isabel de Castro, sobrinha do grande Afonso de Albuquerque. Por seu turno, a mulher de Pedr'Álvares, D. Isabel de Castro, é também de luzida estirpe: — trisneta dos reis D. Fernando de Portugal e de D. Henrique de Castela. Era filha de D. Fernando de Noronha e de D. Constança de Castro, esta irmã de Afonso de Albuquerque, que assinalados serviços prestou a Portugal, no Oriente.

BIOTIPO E CARÁTER.

O biotipo de Cabral fôra ser de avantajada estatura, consoante se verificou ao abrir-lhe a sepultura, como nos informa o Dr. Cortezão (10), altura que herdara de seu pai, cognominado o “gigante da Beira”. Presume-se, ainda, cultivasse longa e basta barba, como era comum na época, seu uso por navegadores. Segundo Castanheda, “havia anos que tremia”, num testemunho de que fôra Cabral portador de impudismo (11).

A gravura que representa Pedr'Álvares e pulula pelos milhares de livros de História do Brasil, ordinariamente, é reprodução de *Retratos e Elogios dos Varões e Donas*, editado em Lisboa, em 1817, e comumente copiada da História da Colonização Portuguesa do Brasil (12). O mestre Cortezão observa que os editôres não registram a origem dessa gravura, entretanto, atribui a alguma tela antiga, donde tivesse sido copiada, como ocorreu com outros dos retratados e conclui declarando que o esbôço acima condiz singularmente com os traços fisionômicos que o representam nos *Retratos de Varões e Donas* (13).

(8). — Jaime Cortezão, *ob. cit.*, *loc. cit.*

(9). — Braamcamp Freire, “Revista de História”, 6, 281, Lisboa, 1917, apud Caistrano de Abreu, in “Prolegômenos” ao Liv. I, da Hist. do Brasil de Frei Vicente de Salvador, 1954, pág. 33.

(10). — Jaime Cortezão, *ob. cit.*, *loc. cit.*, pág. 21.

(11). — Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia*, liv. I, cap. XXXVIII, apud Jaime Cortezão, *ob. cit.*

(12). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, *op. cit.*, vol. II, pág. 19, 1923, Porto.

(13). — Jaime Cortezão, *ob. cit.*, *loc. cit.*

Quanto ao caráter, Cabral fôra homem de grande altivez, como se verifica do incidente em que, após o retôrno da Índia e já Descobridor do Brasil, nomeado novamente por D. Manuel capitão-mor da terceira armada que partiria em 1502 à Índia, agradeceu a nomeação, por julgar-se diminuído em sua autoridade de comandante-mor, em face do regimento régio outorgado ao capitão Vicente Sodré, que deferia a êste capitão autonomia de 5 embarcações da mesma expedição.

“A recusa de Cabral revela o seu orgulho, e foi causa de um desfavor de que se não livrou mais”,

diz o Prof. Pedro Calmon (14). O cronista-mor, João de Barros, a propósito desse incidente, traduz o caráter de Cabral, dizendo ser

“homem de muitos primores acêrca de pontos de honra”.

Em verdade, o escrúpulo em ressaltar sua autoridade de capitão-mor, não se turvou pela vaidade do comando e das glórias que lhe poderia proporcionar a Índia, onde tantos se cobriram de louros e honorarias, bem como de riquezas.

O grande Afonso de Albuquerque, em carta de Calicut a el-rei D. Manuel, de 2 de dezembro de 1514 (15), tece os mais honrosos conceitos sôbre a personalidade de Cabral, ao solicitar ao Venturoso que o chame para seu serviço, afirmando:

“... é homem que eu sei certo ... e que em todos os feitos em que êle poser as mãos, que vos há de merecer mercê”.

Para o Dr. Jaime Cortezão, conquanto Cabral excelentemente escolhido para a missão que lhe foi confiada, excedia em isenção e pundonor as exigências do rei aos bons servidores, pelo que essa orgulhosa inteireza de ânimo o levaria ao ostracismo pelo resto da vida. E como não se registra a prática de feitos, pelo Descobridor, de relevância, até então (16), que o indicasse à elevada missão, aquêlê eminente historiador, ao procurar motivos outros que, aliados às qualidades morais de Pedr'Álvares, convenceram o rei pela nomeação, conclui pela influência da família da espôsa de Cabral (17).

Seriam, assim, para o douto Cortezão, os méritos de caráter, exaltados por Afonso de Albuquerque, conjugados à influência da

(14). — Pedro Calmon, *História do Brasil*, vol. I, pág. 9, Rio de Janeiro, 1959.

(15). — Carta de Afonso de Albuquerque, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, op. cit., II, pág. 21.

(16). — F. A. de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, I, 65, 1965.

(17). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. II, pág. 18, nota 46.

família da mulher de Cabral, que teriam induzido D. Manuel àquela escôlha, para acrescentamento à honra do parente menos valido.

Todavia, devemos ao arguido acrescentar os “serviços e merecimentos” pessoais de “Pedro Álvares de Gouveia fidalgo da nossa casa”, como expressamente declara D. Manuel, em carta régia de Évora, datada de 12 de abril de 1497 (18), pelos quais el-rei lhe entendeu de “fazer graça e mercê”. Se bem não mencione a dita carta régia a natureza dèsses serviços, são êles razões para pressentir-se relevância, porquanto o Venturoso deferiu o requerido, ou seja, a divisão da tença que alegara ter, com seu irmão primogênito, “delRey meu señor cuja alma deus haja”, no valor anual de 26.000 reais, pertencente a ambos, para 13.000 reais para cada, em carta de padrão apartada.

Somados, assim, méritos pessoais, serviços prestados e influência da família da espôsa do Descobridor, teremos os motivos que induziram el-rei à feliz escolha de Pedr’Álvares para o comando da armada de 1500.

MERCÊS.

Tratamento bem desigual dera D. Manuel ao Gama e a Cabral. Aquêlê cumula de títulos e mercês os mais honrosos: — almirante-mor do mar da Índia com tôdas as honras, preeminências, liberdades, poder, jurisdição, rendas, foros e direitos, que com o dito almirantado por direito deve haver; tratamento de Dom a si e seus irmãos e seus descendentes deviam conservar o apelido Gama pelos egrégios serviços; e mais tarde, Conde da Vidigueira; e, ainda, o senhorio de Sines; e mais 300.000 reais de tença de juro e herdade, isto é, transitáveis para os herdeiros, etc. .

Enquanto isso, para Pedr’Álvares são conhecidas duas cartas de D. Manuel, datadas de 1502, ordenando a paga pela sisa da marca-ria, de 13.000 e outra de 30.000 reais a Cabral de sua tença naquele ano. Conhece-se, ainda, um recibo, firmado pelo Descobridor, datado de 1515, acusando o recebimento de 200.000 reais de tença anual, atinente ao ano anterior. Desconhecem-se novas mercês (19).

Recolhe-se a Santarém em 1509. Ainda em 1518, seu nome vem registrado no “Livro da Matrícula dos Moradores da Casa del Rey D. Manuel no primeiro quartel do ano de 1518”, assinalado como cavaleiro do conselho e com a tença mensal de 2.437 reais (20).

(18). — Jaime Cortezão, *ob. cit.*, *loc. cit.*, pág. 23.

(19). — *Idem*, *ib.*, págs. 23 e 24.

(20). — *Idem*, *ib.*, págs. 23 e 24.

MORTE É JAZIGOS.

Graças a três cartas de novembro de 1520, deferindo uma a tença anual a D. Isabel de Castro de 30.000 reais, pelos serviços de seu falecido marido Pedro Álvares Cabral e mais duas outras cartas, concedendo tença anual aos filhos do Descobridor de nomes Antônio Cabral e Fernão Álvares Cabral, presume-se que o falecimento do capitão-mor da frota de 1500 se deu em 1520 (21).

Portanto, da mesma forma que não se tem certeza do ano exato do nascimento de Cabral, igualmente não temos a exata data de seu falecimento. Quando da morte de Cabral — 1520 — o Brasil era vaga expressão geográfica, perdurava o fascínio do Oriente, assinala o Prof. Pedro Calmon (22).

E por muito tempo, como aconteceu à carta de Pero Vaz de Caminha, também não se sabia do jazigo do Descobridor. Deve-se ao benemérito e eminente Francisco Adolfo de Varnhagen (23), em 1839, a identificação da pedra tumular de Pedr'Álvares, na igreja da Graça, em Santarém, outrora pertencente aos frades gracianos de Santo Agostinho, restaurada pelo Governo português.

Da leitura da lápide tumular de Cabral, verifica-se que ainda se vivia na fascinação do Oriente, como dissera o Prof. Pedro Calmon, e pouca importância se dera ao descobrimento de Vera Cruz, tanto que se memora na inscrição tumular mais o fato de D. Isabel de Castro haver sido camareira-mor da infanta D. Maria, filha de D. João III, do que o feito do Descobridor, ao qual, aliás, nenhuma menção se faz.

Eis a inscrição da lápide:

“Aquy jaz Pedr'Álvares Cabral e dona Isabel de Castro sua mulher cuja he esta capella he de todos seos erdeyros a qual depois da morte de seo marydo foy camareyra mor da infanta dona Marya fylha del rey Dô João nosso señor ho terceyro deste nome”.

“6 agosto 1882. Estão aqui os ossos de P. A. Cabral. B. auto na Torre do Tombo, e Ca. Mal. de Santarem”.

Notícia pouco difundida também é a de que, conquanto Cabral tenha sido tão esquecido, até mesmo pela limitação dos documentos sobre sua vida, em matéria de jazigo êle está bem dotado, não pelo fausto, mas pelo número, pois tem dois túmulos: um em Portugal e outro no Brasil (24).

(21). — Aires de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, I, apud J. Cortezão, *ob. cit.*

(22). — Pedro Calmon, *ob. cit.*, pág. 93, nota 19.

(23). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, II, pág. 139, 1841, apud Pedro Calmon *ob. cit. loc. cit.*

(24). — Gustavo Barroso, *Nos Bastidores da História do Brasil*, 1958.

Aquêlê já nos referimos, e quanto ao segundo se encontra na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, outrora Capital do Brasil, no fundo de um corredor estreito e sombrio, na direção de quem caminha da sacristia para a nave, que já visitamos duas vêzes, com uma lápide de mármore, embutida na parede, com a seguinte inscrição:

“Aos 30 de Dezembro de 1903, sendo Arcebispo desta diocese D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, foi aqui depositada uma urna dupla de chumbo e madeira, contendo resíduos mortuários de Pedro Álvares Cabral, Descobridor do Brasil, extraídos aos XIV-III-MCMIII de sua sepultura na igreja de Nossa Senhora da Graça de Santarém, em Portugal, onde desde o ano de 1529 achavão-se em jazigo de família. Trazidos e doados a esta Catedral pelo Bel. Alberto de Carvalho”.

Como se observa, são resíduos mortuários do Descobridor, ou sejam cinzas de Cabral, mas como nota Gustavo Barroso (25), considerando que no jazigo, em Portugal, foram sepultados familiares diversos de Cabral, aquêles resíduos não seriam sômente de Pedr'Álvares, como pode parecer a pessoa menos avisada, pela impossibilidade de distinção das cinzas dos mortos.

MONUMENTOS.

Não encontramos em nossa pesquisa, até mesmo pela limitação de tempo e de maiores fontes à mão, ressaltados os adiante nomeados, referência a outros monumentos ao Descobridor do Brasil, em Portugal. Há monumentos ou edificações comemorativas dos descobrimentos marítimos portugueses, tais como o Tôrre de Belém, o Mosteiro dos Jerônimos, a lápide de mármore de 10 palmos e meio de altura por 5 e meio de largura, inaugurado a 24 de julho de 1840, em Sagres, sôbre a porta interior da entrada principal da fortaleza, levantado por determinação da brasileira, a rainha D. Maria II de Portugal, e tem o título — Monumento Consagrado à Eternidade — com duas inscrições: uma em latim e outra em português. E' ainda digno de menção especial o grandioso Monumento aos Descobrimentos, inaugurado em Lisboa, em 1960, por ocasião das celebrações do V Centenário da morte do infante D. Henrique, o Navegador.

Atribui-se também um busto em medalhão, no Mosteiro dos Jerônimos, sôbre pilar de uma das alas do mesmo, a Pedr'Álvares Cabral. Varnhagen é dessa opinião e a tradição é nesse sentido, consoante o Dr. Cortezão (26), tanto que consta fôra costume enfeitar-se na festa do descobrimento, o suposto busto de Cabral.

(25). — G. Barroso, *ob. cit.*, págs. 24 e 25.

(26). — J. Cortezão, *ob. cit.*, *loc. cit.*, pág. 21, nota 55.

Conforme noticiou a imprensa nordestina do Brasil, o Ministério de Ultramar, em feliz iniciativa, pôs em circulação, em todo o território nacional português e províncias ultramarinas, 14 selos em 12 côres, comemorativos do V Centenário de Nascimento de Pedro Álvares Cabral (27).

No Brasil, quando do IV Centenário do Descobrimento, foi erigido na cidade do Rio de Janeiro, ex-Capital do País, um monumento a Pedro Álvares Cabral, obra do escultor Rodolfo Bernardelli, na Praia do Russel.

Como informa o Prof. Hélio Viana (28), uma reprodução desse monumento foi oferecida pelo Governo do Brasil ao de Portugal, encontrando-se numa das praças de Lisboa. Mas, observe-se, o monumento é oferta do Brasil. E' de notar-se, ainda, que outro ou outros monumentos tenham sido erigidos, em Portugal, ao Descobridor do Brasil, pois é um tanto comum ali a ereção de busto ou herma ao filho ilustre, nas cidades que foram berço de portugueses imortais.

Em algumas cidades do Brasil, já fomos surpreendidos com a Rua Pedro Álvares Cabral. Natal, nossa Capital, não está incluída, pelo menos não nos ocorre nenhuma via com o seu nome. Em alguns Estados brasileiros há estabelecimento oficial com o nome do Descobridor, como acontece na Guanabara, o Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral.

No Brasil inteiro se celebra o decurso do V Centenário de Pedr'Álvares e grande é a cobertura jornalística nacional, com assinalada reverência a Cabral e ao seu memorável feito. E' de crer-se que tenhamos também sêlo comemorativo.

Isto é o quase tudo do pouco que se sabe sôbre Pedr'Álvares Cabral, daquele que descobriu ao Mundo,

“para maior glória de Portugal em todos os tempos” (29),

legado do qual somos os legítimos sucessores. E se

“sòmente merecerá o futuro aquêlo que participar ativamente na sua elaboração no presente” (30),

Pedr'Álvares Cabral participou, no seu presente, ativamente, da elaboração do futuro de sua Pátria, cujo feito memorável, do

“achamento desta vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou”,

(27). — *Jornal do Comércio do Recife*, edição de 24-4-68.

(28). — Hélio Viana, *História do Brasil*, vol. I, págs. 32-33, 1961, São Paulo.

(29). — Souza Cruz, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. I, Porto, 1921.

(30). — Inscrição do quadro de bacharéis de 1963, da Universidade de São Paulo.

no dizer pitoresco de Caminha (31), o eleva à immortalidade, nas páginas gloriosas da História.

E nós brasileiros, abraçados aos nossos queridos irmãos portugueses, cultuamos, hoje, com justa ufania, nesta Casa Veneranda, no V Centenário de Nascimento, o nome de Pedro Álvares Cabral que, tombou no ostracismo de seu rei, para, depois de sua morte, levantar-se imortal na memória dos Homens.

(31). — Pero Vaz de Caminha, Carta cit., fl. 1, linhas 2 a 4.